

O CINEMA PRODUTOR DE SUBJETIVIDADE: O ESPAÇO DEVANEIO E OS TERRITÓRIOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

ISADORA EBERSOL¹; NÁDIA DA CRUZ SENNA²

¹Universidade Federal de Pelotas – isadora.ebersol@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – alecrins@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte integrante da dissertação defendida no ano de 2015 no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas intitulada “*Territórios discursivos de gênero no cinema contemporâneo: representação de gênero através da direção de arte*”.

Neste trabalho busquei estudar o espaço fílmico como produtor de subjetividades e entender como o cinema está ligado ao processo de produção das identidades e dos sujeitos.

A partir da ideia de deslocamentos de gênero e sexualidade a pesquisa tem como foco sujeitos que constroem suas identidades de gênero em trânsito ou nos espaços de interstícios entre o que se convencionou chamar de masculino e feminino, abalando de alguma forma a dicotomia que rege esses dois polos. O “sujeito desviante” tornou-se, portanto, o objeto teórico do meu estudo.

Este sujeito me permitiria analisar como se dá a representação de gênero neste espaço de trânsito e atravessamento de fronteiras. Para esse fim, busquei analisar a construção da personagem *Ludovic* no filme francês *Minha Vida em Cor-de-Rosa* (*Ma vie en rose*, Alain Berliner, 1997), bem como dos espaços em que está inserido na narrativa. Ludovic é um menino de 7 anos que transita durante o filme entre o mundo real e o seu mundo de fantasias, um universo cor-de-rosa e repleto de elementos visuais relacionados socialmente a representação do feminino. Esse trânsito acontece de forma a evidenciar a tensão entre seu universo interno, onde ele acredita ser uma menina e o externo, onde Ludovic se encontra em um corpo masculino sujeito a imposições de gênero que esperam dele um comportamento adequado ao seu sexo biológico.

Neste sentido, busco evidenciar o caráter instável da construção das identidades utilizando-me da metáfora da viagem proposta por Guacira Lopes Louro (2004). Para Louro, desde antes do nascimento damos início a uma viagem de feminilização ou masculinização dos sujeitos e dos corpos através de interpelações e discursos que atravessam a existência destes corpos na sociedade.

A partir da análise preliminar do filme *Minha Vida em Cor-de-Rosa* foi identificado um espaço fílmico específico onde o protagonista projetava sua identidade livre das imposições de gênero externas. Este espaço foi, então, conceituado nesta pesquisa como **espaço devaneio**. Desta forma, procuro analisar a construção do personagem bem como a construção visual do espaço fílmico que entendo como **espaço devaneio**. Parto de uma perspectiva estética-discursiva, criando relações com os estudos de gênero e sexualidade que servem de eixo teórico da pesquisa, em especial da *Teoria Queer* a partir do referencial de Guacira Lopes Louro (2001), Richard Miskolci (2012) e Sara Salih (2012) e dos estudos sobre performatividade de gênero de Judith Butler (2001; 2003). Conto também com as considerações sobre o espaço e o devaneio de Gaston

Bachelard (1988; 1993) e o conceito de “*entre-lugares*” compreendido pela perspectiva de Homi K. Bhabha (1998).

2. METODOLOGIA

O percurso metodológico que apresento aqui parte primordialmente da observação do filme para traçar as categorias de análise a fim de dar conta dos objetivos e principais questionamentos engendrados nesta pesquisa. Respeitando o foco no sujeito desviante e após uma primeira observação do filme, defino então uma grande categoria como sendo a análise dos **espaços**. Esta categoria surgiu da observação das relações que Ludovic estabelece com o seu entorno em *Minha Vida em Cor-de-Rosa*. Dentro da narrativa, os espaços estabelecem uma constante tensão entre o dentro e o fora, entre o real e o devaneio, tematizando tanto a mobilidade de gênero do personagem entre estes territórios, quanto a relação entre família/sujeito/sociedade, onde se estabelecem diferentes discursos e imposições relacionadas ao gênero e a sexualidade. O **espaço devaneio** foi pensado por caracterizar, no filme escolhido para análise, o espaço fantasioso, imaginário ou subjetivo criado pelo protagonista onde ele podem expressar a sua identidade.

O personagem foi observado a fim de perceber os elementos compositivos e contextuais utilizados, na tentativa de compreender a complexidade engendrada em torno dele a respeito de sua identidade de gênero e como se dá sua construção dentro desse espaço. Para o procedimento de análise dos espaços e personagem foram escolhidas cenas ou sequências específicas do filme, onde estejam presentes elementos visuais que possam ser analisados de acordo com a sua relevância dentro dos discursos de gênero que são foco da pesquisa. Partindo, então, de uma perspectiva estético-discursiva, será feita a análise de forma a estabelecer o cruzamento entre o discurso visual e as teorias de gênero e de sexualidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Louro (2004, p. 19), “a fronteira é lugar de relação, região de encontro, cruzamentos e confrontos. Ela separa e, ao mesmo tempo, põe em contato culturas e grupos. Zona de policiamento, é também zona de transgressão e subversão”. Louro (2008) ressalta que fronteiras são constantemente atravessadas, porém, mais do que isso, que existem sujeitos que decidem viver na fronteira, numa espécie de entre-lugar. Cruzar fronteiras pode significar mover-se entre os territórios simbólicos das identidades, uma metáfora do caráter móvel de todas as identidades. Esses sujeitos fazem referência a uma certa mobilidade e transitoriedade entre os diferentes territórios identitários, confundindo e contrapondo os movimentos que tendem a fixá-los.

Homi K. Bhabha em *O local da cultura* (1998) entende que esses entre-lugares ou interstícios fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação que dão início a novos signos de identidade e de postos de contestação. A noção de **espaço devaneio** nasceu, em um primeiro momento, de uma observação do filme *Minha vida em cor-de-rosa* (1997), onde identificou-se um espaço fílmico específico, mas também um espaço simbólico, onde o protagonista projetava sua identidade com a liberdade que em outros âmbitos lhe era negada.

Segundo Gaston Bachelard em *A poética do devaneio* (1988, p. 5) “O devaneio é uma fuga para fora do real, nem sempre encontrando um mundo irreal

consistente.” O devaneio forma-se em um mundo que é próprio do sujeito, onde ele pode tornar-se tudo. Em *A poética do espaço* (1993) Bachelard aponta que o inconsciente está alojado no espaço da sua felicidade, e afirma que é preciso dar um destino exterior ao ser interior.

No filme, o **espaço devaneio** toma corpo e se materializa na plasticidade visual do cenário. O espaço devaneio de Ludovic representa, simbolicamente, o território feminino onde ele pode projetar sua identidade, bem como o espaço de fuga de uma realidade que lhe impõe violências, uma forma de contrapor-se a normativa de gênero que se faz presente nos outros espaços. O espaço devaneio de Ludovic constitui-se, portanto, de um território simbólico onde o personagem pode expressar seu próprio interior e sua subjetividade, materializado neste espaço fílmico específico que faz parte da narrativa.

Este espaço tem, como principal referência, a personagem de um programa de televisão chamada Pam, a quem Ludovic tem quase como se fosse uma “fada-madrinha” dos sonhos. A paleta cromática segue o vermelho, laranja, rosa, amarelo, roxo, azul e verde, em tons saturados, estando de acordo com a paleta geral de cores da primeira parte do filme, onde Ludovic era mais liberto a exercer sua identidade de gênero. Os móveis são proporcionalmente muito maiores que Ludovic e possuem linhas sinuosas, enfatizando o caráter de sonho ou devaneio do local.

O **espaço devaneio** de Ludovic seria um território simbólico na narrativa daquele “armário” em que foi obrigado a se esconder, de onde não poderia sair sem sofrer violência e ser recusado como um ser abjeto que contamina e polui a forma de vida normal na sociedade, abala as certezas fundantes sobre a constituição das identidades de gênero e sexuais. Este espaço se concretiza, então, na materialidade do espaço fílmico onde ele pode expressar a sua identidade de gênero, ser o que deseja ser, mesmo que contrarie as normativas impostas a ele e a todos que desejam fazer o trânsito entre territórios de gênero e sexuais.

É esta a compreensão do **espaço devaneio**, uma exteriorização do interior do sujeito, um exterior simbólico das aspirações, imagens, lembranças dos devaneios dos personagens, materializado nas imagens e narrativas fílmicas.

4. CONCLUSÕES

O cinema está intimamente ligado ao processo de tornar-nos sujeitos. Desde muito cedo nos identificamos e nos espelhamos em representações do que é ser homem e do que é ser mulher expressas nos mais diferentes âmbitos da vida social, em especial, através da imagem cinematográfica e dos valores e significados que ela ajuda a construir culturalmente. Essas representações, produzidas no simbólico, reforçam e atualizam as classificações sociais já existentes podendo, em igual forma, realinhar as hierarquias ou classificações sexuais e de gênero e transformar as práticas que ajudam a construir.

Quais forças, reais ou simbólicas, seriam impelidas para fazê-los transitar pelos “corretos” caminhos de gênero? Foi a partir do sujeito “desviante” que eu pude investigar como se dá a construção das identidades neste espaço de transição de gênero, nos interstícios do que se convencionou chamar de feminino e de masculino.

Se na maior parte das vezes vemos circular representações de gênero e sexualidade que reforçam identidades binárias, como poderiam ser embaralhados os signos visuais e discursos de gênero produzidos pelo cinema de forma a

evidenciarem outras construções de sujeito? Outras formas de ser homem e de ser mulher que desafiassem a estabilidade e evidenciassem o trânsito e a multiplicidade?

O **espaço devaneio** me permitiu pensar de que forma a narrativa de *Minha vida em cor-de-rosa* simbolizava o território em que o personagem podia expressar sua identidade transitória de gênero. Mais do que isso, como a narrativa expressa visualmente um espaço simbólico do personagem onde ele expressa sua subjetividade. A compreensão do **espaço devaneio**, portanto, perpassa a noção de uma territorialização fílmica do interior do sujeito, um espaço simbólico das aspirações, lembranças, imagens, desejos e identidades dos personagens.

Para o sujeito desviante, o menino afeminado ou a menina masculina, o gay, a lésbica, a transexual e para qualquer sujeito que se arrisque fora ou entre os limites dos territórios de gênero binários, o **espaço devaneio** é exteriorizar o armário em que foram, muitas vezes, obrigadas a se esconder, é entrar no “armário” e transformá-lo em imagens onde estão alojadas suas identidades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUMONT, Jacques. MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Tradução Eloisa Araujo Ribeiro. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.151-172
- CORNEJO, Giancarlo. A guerra declarada contra o menino afeminado. Tradução de Larissa Pelúcio. In: MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2 ed. rev. e ampl. – Belo Horizonte: Autêntica Editora. UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012. p. 73-82.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 3. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001a, p.7-34
- _____. Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação. Estudos Feministas, ano 9, 2001b, p.541-553.
- _____. **Um corpo estranho** - ensaios sobre a sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, 96p.
- _____. **Cinema e Sexualidade**. Educação e Realidade 33(1), 2008, p.81-98.
- MISKOLCI, Richard . **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora/UFPO, Série Cadernos da Diversidade, 6, 2012. 82 p.
- SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.